

HANNAH  
ARENDT

*Homens  
em  
tempos  
sombrios*

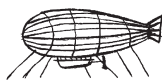
COMPANHIA DE BOLSO

HANNAH ARENDT

# HOMENS EM TEMPOS SOMBRIOS

*Tradução*  
Denise Bottmann

*Posfácio*  
Celso Lafer



---

COMPANHIA DE BOLSO

# SUMÁRIO

## Prefácio

Sobre a humanidade em tempos sombrios:

reflexões sobre Lessing

Rosa Luxemburgo (1871-1919)

Angelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de

São Pedro de 1958 a 1963

Karl Jaspers: uma *laudatio*

Karl Jaspers: cidadão do mundo?

Isak Dinesen (1885-1963)

Hermann Broch (1886-1951)

Walter Benjamin (1892-1940)

Bertolt Brecht (1898-1956)

Randall Jarrell (1914-1965)

Martin Heidegger faz oitenta anos

Posfácio — Hannah Arendt: vida e obra —

*Celso Lafer*

Indicações bibliográficas

Sobre a autora

# PREFÁCIO

Escrita ao longo de um período de doze anos, no impulso do momento ou da oportunidade, esta coletânea de ensaios e artigos se refere basicamente a pessoas — como viveram suas vidas, como se moveram no mundo e como foram afetadas pelo tempo histórico. As pessoas aqui reunidas dificilmente poderiam diferir mais entre si, e não é difícil imaginar como poderiam protestar, se tivessem voz na questão, por serem reunidas, por assim dizer, numa mesma sala. Pois não têm em comum dons ou convicções, profissões ou ambientes; com uma única exceção, nem se conheciam. Mas foram contemporâneas, embora pertencendo a gerações diferentes — exceto Lessing, evidentemente, que, no entanto, é tratado no ensaio introdutório como se fosse um contemporâneo. Assim partilham entre si a época em que decorreram suas vidas, o mundo na primeira metade do século xx, com suas catástrofes políticas, seus desastres morais e seu surpreendente desenvolvimento das artes e ciências. E embora essa era tenha matado alguns deles e determinado a vida e a obra de outros, poucos foram duramente atingidos e nenhum deles pode dizer que foi condicionado por ela. Os que buscam representantes de uma época, porta-vozes do *Zeitgeist*, expoentes da História (com H maiúsculo), aqui procurarão em vão.

Contudo, creio que o tempo histórico, os “tempos sombrios” mencionados no título, estão visivelmente presentes em todo o livro. Empresto o termo do famoso poema de Brecht, “À posteridade”, que cita a desordem e a fome, os massacres e os carneiros, o ultraje pela injustiça e o desespero “quando havia apenas erro e não ultraje”, o ódio legítimo que no entanto conduz à fealdade, a ira fundada que torna a voz rouca. Tudo era suficientemente real na medida em que ocorreu publicamente; nada havia de secreto ou misterioso sobre isso. E no entanto não era em absoluto visível para todos, nem foi tão fácil percebê-lo; pois, no momento mesmo em que a catástrofe surpreendeu a tudo e a todos, foi recoberta, não por realidades, mas pela fala e pela algaravia de duplo sentido, muitíssimo eficiente, de praticamente todos os representantes oficiais que, sem interrupção e em muitas variantes engenhosas, explicavam os fatos desagradáveis e justificavam as preocupações. Quando pensamos nos tempos sombrios e nas pessoas que neles viveram e se moveram, temos de levar em consideração também essa camuflagem que emanava e se difundia a partir do *establishment* — ou do “sistema”, como então se chamava. Se a função do âmbito público é iluminar os assuntos dos homens, proporcionando um espaço de aparições onde podem mostrar, por atos e palavras, pelo melhor e pelo pior, quem são e o que podem fazer, as sombras chegam quando essa luz se extingue por “fossos de credibilidade” e “governos invisíveis”, pelo discurso que não revela o que é, mas o varre para sob o tapete, com exortações, morais ou não, que, sob o pretexto de sustentar antigas verdades, degradam toda a verdade a uma trivialidade sem sentido.

Nada disso é novo. São as condições que, há trinta anos, foram descritas por Sartre em *A náusea* (que julgo ainda ser seu melhor livro) em termos de má-fé e *l'esprit de sérieux*, um mundo onde todos os que são publicamente reconhecidos são *salauds*, e tudo o que é existe numa presença opaca

e sem sentido que espalha o ofuscamento e provoca mal-estar. E são as mesmas condições que, há quarenta anos (embora por razões totalmente diferentes), Heidegger descreveu com uma precisão excepcional nos parágrafos de *O ser e o tempo* que tratam de “os eles”, sua “simples fala” e, genericamente, de tudo o que, não oculto e não protegido pela privacidade do eu, aparece em público. Em sua descrição da existência humana, tudo o que é real ou autêntico é assaltado pelo poder esmagador da “simples fala” que irresistivelmente surge do âmbito público, determinando todos os aspectos da existência cotidiana, antecipando e aniquilando o sentido ou o sem-sentido de tudo que o futuro pode trazer. Segundo Heidegger, não há escapatória a essa “trivialidade incompreensível” desse mundo cotidiano comum, a não ser pela retirada para aquela solidão que os filósofos, desde Parmênides e Platão, sempre contrapuseram ao âmbito político. Aqui não estamos interessados na relevância filosófica das análises de Heidegger (que, na minha opinião, é inegável), nem na tradição do pensamento filosófico que as respalda, mas exclusivamente em certas experiências subjacentes do tempo e sua descrição conceitual. Em nosso contexto, o ponto importante é que a afirmação sarcástica, que soa perversa, *Das Licht der Öffentlichkeit verdunkelt alles* (“A luz do público obscurece tudo”) atingiu o centro da questão e realmente não foi senão o resumo mais sucinto das condições existentes.

Os “tempos sombrios”, no sentido mais amplo que aqui proponho, não são em si idênticos às monstruosidades desse século, que de fato constituem uma horrível novidade. Os tempos sombrios, pelo contrário, não só não são novos, como não constituem uma raridade na história, embora talvez fossem desconhecidos na história americana, que por outro lado tem a sua bela parcela, passada e presente, de crimes e catástrofes. Que mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e freqüentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra — essa convicção constitui o pano de fundo implícito contra o qual se delinearam esses perfis. Olhos tão habituados às sombras, como os nossos, dificilmente conseguirão dizer se sua luz era a luz de uma vela ou a de um sol resplandecente. Mas tal avaliação objetiva me parece uma questão de importância secundária que pode ser seguramente legada à posteridade.

*Janeiro de 1968*

SOBRE A HUMANIDADE EM TEMPOS  
SOMBRIOS: REFLEXÕES SOBRE LESSING1

# I

A distinção conferida por uma cidade livre e um prêmio que traz o nome de Lessing constituem uma grande homenagem. Reconheço que não sei como vim a recebê-la e, ainda, não me foi inteiramente fácil chegar a um acordo sobre ela. Ao dizê-lo, posso ignorar totalmente a delicada questão de mérito. Quanto a isso, as homenagens nos dão uma convincente lição de modéstia, pois pressupõem que não nos cabe julgar nossos próprios méritos da mesma forma como julgamos os méritos e realizações de outras pessoas. Em relação a prêmios, o mundo fala abertamente, e se aceitamos o prêmio e expressamos nossos agradecimentos, só podemos fazê-lo ignorando-nos a nós mesmos e agindo totalmente dentro do quadro de nossa atitude em relação ao mundo, em relação a um mundo e a um público a quem devemos o espaço onde falamos e somos ouvidos.

Mas a homenagem não só nos lembra enfaticamente a gratidão que devemos ao mundo; também nos obriga a isso num grau altíssimo. Visto sempre podermos recusar a homenagem, ao aceitá-la não só nos fortalecemos em nossa posição no mundo, como também aceitamos uma espécie de compromisso em relação a ele. O fato de uma pessoa aparecer em público, e ser por ele recebida e confirmada, não é em absoluto assente. Apenas o gênio é levado à vida pública por seus dons pessoais e é dispensado desse tipo de decisão. É somente em seu caso que as homenagens continuam a concordar com o mundo, a ressoar uma harmonia existente em pleno domínio público, surgida independentemente de quaisquer considerações e decisões, independentemente também de quaisquer obrigações, como se fosse um fenômeno natural a irromper na sociedade humana. De fato, podemos aplicar a esse fenômeno o que Lessing certa vez disse sobre o homem de gênio, em dois dos seus mais belos versos:

*Was ihn bewegt, bewegt. Was ihn gefällt, gefällt.  
Sein glücklicher Geschmack ist der Geschmack der Welt.*

[O que o move, move. O que o agrada, agrada.  
Seu gosto acertado é o gosto do mundo.]

Em nossa época, parece-me, nada é mais dúbio do que nossa atitude em relação ao mundo, nada menos assente que a concordância com o que aparece em público, imposta a nós pela homenagem, a qual confirma sua existência. Em nosso século, mesmo o gênio só pôde se desenvolver em conflito com o mundo e o âmbito público, embora, como sempre, encontre naturalmente sua concordância própria particular com sua platéia. Mas o mundo e as pessoas que nele habitam não são a mesma coisa. O mundo está entre as pessoas, e esse espaço intermediário — muito mais do que os homens, ou mesmo o homem (como geralmente se pensa) — é hoje o objeto de maior interesse e revolta de mais evidência em quase todos os países do planeta. Mesmo onde o mundo está, ou é mantido, mais ou menos em ordem, o âmbito público perdeu o poder iluminador que originalmente fazia parte de sua natureza. Um número cada vez maior de pessoas nos países do mundo ocidental, o qual encarou desde o declínio do mundo antigo a liberdade em relação à política como uma das liberdades básicas, utiliza tal liberdade e se retira do mundo e de suas obrigações junto a ele. Essa retirada do mundo não prejudica necessariamente o indivíduo; ele pode inclusive cultivar grandes talentos ao ponto da genialidade e assim, através de um rodeio, ser novamente útil ao mundo. Mas, a cada uma

dessas retiradas, ocorre uma perda quase demonstrável para o mundo; o que se perde é o espaço intermediário específico e geralmente insubstituível que teria se formado entre esse indivíduo e seus companheiros homens.

Assim, quando consideramos o significado real de homenagens e prêmios públicos sob as atuais condições, podemos julgar que o Senado de Hamburgo, ao decidir vincular o prêmio da cidade ao nome de Lessing, encontrou uma solução para o problema, uma espécie de ovo de Colombo. Já que Lessing nunca se sentiu à vontade, e provavelmente nunca o quis, no mundo tal como então existia, e mesmo assim sempre se manteve comprometido com ele à sua própria maneira. Circunstâncias únicas e especiais regeram essa relação. O público alemão não estava preparado para ele e, pelo que sei, nunca o homenageou em vida. Segundo sua própria opinião, não contava com aquela concordância natural e feliz com o mundo, combinação de mérito e boa sorte, que considerava, juntamente com Goethe, a marca do gênio. Lessing acreditava dever à crítica algo que “se aproxima muito do gênio”, porém sem nunca alcançar plenamente aquela harmonização natural com o mundo, onde a Fortuna sorri ao surgir a Virtude. Tudo isso pode ter sido muito importante, mas não decisivo. É quase como se, em algum momento, ele tivesse decidido render homenagem ao gênio, ao homem de “gosto acertado”, e seguir aqueles a quem uma vez chamou, um tanto ironicamente, de “os homens sábios”, que “fazem tremer os pilares das verdades mais bem conhecidas, onde quer que pousem os olhos”. Sua atitude em relação ao mundo não era positiva nem negativa, mas radicalmente crítica e, quanto ao âmbito público de sua época, totalmente revolucionária. Mas era também uma atitude que permanecia em dívida para com o mundo, sem nunca abandonar o sólido terreno do mundo, e jamais chegar ao extremo do utopismo sentimental. Em Lessing, a têmpera revolucionária se associava a uma espécie curiosa de parcialidade que se apegava a detalhes concretos com um zelo exagerado, quase pedante, e fazia surgir muitos mal-entendidos. Um componente da grandeza de Lessing foi o fato de nunca permitir que a suposta objetividade o levasse a perder de vista a relação real com o mundo e o estatuto real das coisas ou homens no mundo que atacava ou elogiava. Isso não o ajudou a ter maior crédito na Alemanha, país onde a verdadeira natureza da crítica é menos entendida do que em qualquer outro lugar. Para os alemães, era difícil perceber que a justiça pouco tem a ver com a objetividade em sentido habitual.

Lessing nunca se reconciliou com o mundo em que viveu. Comprazia-se em “desafiar preconceitos” e “contar a verdade aos apaniguados da corte”. Por mais caro que pagasse por esses prazeres, eram literalmente prazeres. Uma vez, quando tentava explicar a si mesmo a fonte do “prazer trágico”, disse que “todas as paixões, mesmo as mais desagradáveis, são, como paixões, agradáveis”, pois “nos tornam [...] mais conscientes de nossa existência, fazem-nos sentir mais reais”. Essa frase lembra extraordinariamente a doutrina grega das paixões, que incluía a cólera, por exemplo, entre as emoções agradáveis, mas situava a esperança, juntamente com o medo, entre os males. Essa avaliação, exatamente como em Lessing, baseia-se em diferenças de realidade; não, porém, no sentido de que a realidade é medida pela força com que a paixão afeta a alma, mas antes pelo tanto de realidade que a paixão a ela transmite. Na esperança, a alma ultrapassa a realidade, tal como no medo ela se encolhe e recua. Mas a cólera, e sobretudo o tipo de cólera de Lessing, revela e expõe o mundo, tal como o tipo de riso de Lessing em *Minna von Barnhelm* tenta realizar a reconciliação com o mundo. Tal riso ajuda a pessoa a encontrar um lugar no mundo, mas ironicamente, isto é, sem vender a alma a ele. O prazer, que é basicamente a consciência intensificada da realidade, surge de uma abertura apaixonada ao mundo e do amor por ele. Nem



mesmo o conhecimento de que o homem pode ser destruído pelo mundo diminui o “prazer trágico”.

Se a estética de Lessing, em contraste com a de Aristóteles, considera até o medo como uma variante da piedade, a piedade que sentimos por nós mesmos, isso talvez ocorra porque Lessing está tentando despir o medo do seu aspecto escapista, a fim de salvá-lo como paixão, isto é, como uma afecção em que somos afetados por nós mesmos, tal como somos comumente afetados no mundo por outras pessoas. Intimamente ligado a isso está o fato de que, para Lessing, a essência da poesia era a ação e não, como para Herder, uma força — “a força mágica que afeta minha alma” —, nem, como para Goethe, a natureza dotada de forma. Lessing não estava minimamente preocupado com “a perfeição da obra de arte em si”, coisa que Goethe considerava “o requisito eterno, indispensável”. Antes — e aqui está de acordo com Aristóteles — preocupava-se com o efeito sobre o espectador que, por assim dizer, representa o mundo, ou melhor, aquele espaço mundano que surgiu entre o artista ou o escritor e seus companheiros humanos, como um mundo comum a eles.

Lessing experimentou o mundo em cólera e em riso, e a cólera e o riso são, por natureza, tendenciosos. Portanto, ele não podia ou não queria julgar uma obra de arte “em si”, independente de seus efeitos no mundo, e assim podia partir para o ataque ou a defesa em suas discussões, conforme o assunto em questão estivesse sendo julgado pelo público, de modo totalmente independente do seu grau de verdade ou de falsidade. Não era apenas uma forma de gentileza dizer que iria “deixar em paz aqueles que todos vêm atacando”; era também uma preocupação, que se tornara instintiva nele, pela correção relativa de opiniões que, por boas razões, levam a pior. Assim, mesmo na polêmica sobre o cristianismo, ele não assumiu uma posição definida. Antes, como disse uma vez com um autoconhecimento magnífico, por instinto passava a duvidar do cristianismo “quanto mais convincentemente algumas pessoas tentavam prová-lo para mim”, e por instinto tentava “preservá-lo no [seu] coração” quanto mais “injustificada e triunfantemente outros tentavam espezinhá-lo sob os pés”. Mas isso significa que, onde qualquer outra pessoa debatesse sobre a “verdade” do cristianismo, ele defendia principalmente sua posição no mundo, ora receando que o cristianismo pudesse novamente impor suas pretensões de domínio, ora temendo que pudesse desaparecer por completo. Lessing mostrou uma notável visão de longo alcance ao dizer que a teologia esclarecida de sua época, “sob o pretexto de nos tornar cristãos racionais, está nos tornando filósofos extremamente irracionais”. Essa percepção não derivava apenas de um partidarismo a favor da razão. A preocupação fundamental de Lessing em todo esse debate era a liberdade, muito mais ameaçada por aqueles que pretendiam “obrigar à fé por demonstrações” do que por aqueles que viam a fé como um presente da graça divina. Mas havia, ademais, sua preocupação pelo mundo, onde achava que deveriam caber, em lugares separados, tanto a religião como a filosofia, de modo que, após a “partilha [...] cada uma possa seguir seu próprio caminho, sem atrapalhar a outra”.

A crítica, na acepção de Lessing, sempre toma partido em prol da segurança do mundo, entendendo e julgando tudo em termos de sua posição no mundo num determinado momento. Tal mentalidade nunca pode dar origem a uma visão definida do mundo que, uma vez assumida, seja imune a experiências posteriores no mundo, por se agarrar solidamente a uma perspectiva possível. Precisamos muitíssimo de Lessing para nos ensinar esse estado mental, e o que nos dificulta tanto aprendê-lo não é nossa desconfiança em relação ao Iluminismo ou à crença do século XVIII na humanidade. Entre Lessing e nós está, não o século XVIII, mas o século XIX. A obsessão do século XIX com a história e o compromisso com a ideologia ainda se manifestam tão amplamente no pensamento político de nossos tempos que somos inclinados a considerar o pensamento inteiramente livre, não

utilizando como muleta nem a história nem a lógica coercitiva, como desprovido de qualquer autoridade sobre nós. Certamente ainda somos conscientes de que o pensamento requer não só inteligência e profundidade, mas sobretudo coragem. Mas nos pasmamos que o partidarismo de Lessing pelo mundo chegue a tal ponto que possa sacrificar-lhe o axioma da não-contradição, a pretensão de coerência própria, que assumimos como obrigatórios para todos os que escrevem e falam. Pois ele declarou com toda a seriedade: “Não tenho a obrigação de resolver as dificuldades que crio. Talvez minhas idéias sejam sempre um tanto díspares, ou até pareçam se contradizer entre si, basta que sejam idéias onde os leitores encontrem material que os incite a pensar por eles mesmos”. Ele não só desejava não ser coagido por ninguém, como também desejava não coagir ninguém, pela força ou por demonstrações. Considerava a tirania dos que tentam dominar o pensamento pelo raciocínio e sofismas, obrigando à argumentação, como algo mais perigoso para a liberdade do que a ortodoxia. Ele sobretudo não coagia a si próprio e, ao invés de definir sua identidade na história com um sistema perfeitamente coerente, disseminou pelo mundo, como ele mesmo sabia, “nada além de *fermenta cognitionis*”.

Assim, o famoso *Selbstdenken* — pensamento independente para a própria pessoa — não é de forma alguma uma atividade pertencente a um indivíduo fechado, integrado, organicamente crescido e cultivado que então, por assim dizer, olha em torno para ver onde se encontra no mundo o lugar mais favorável para seu desenvolvimento, a fim de se encontrar em harmonia com o mundo, através do rodeio pelo pensamento. Para Lessing, o pensamento não brota do indivíduo e não é a manifestação de um eu. Antes, o indivíduo — que Lessing diria criado para a ação, não para o raciocínio — escolhe tal pensamento porque descobre no pensar um outro modo de se mover em liberdade no mundo. De todas as liberdades específicas que podem ocorrer em nossas mentes quando ouvimos a palavra “liberdade”, a liberdade de movimento é historicamente a mais antiga e também a mais elementar. Sermos capazes de partir para onde quisermos é o sinal prototípico de sermos livres, assim como a limitação da liberdade de movimento, desde tempos imemoriais, tem sido a pré-condição da escravização. A liberdade de movimento é também a condição indispensável para a ação, e é na ação que os homens primeiramente experimentam a liberdade no mundo. Quando os homens são privados do espaço público — que é constituído pela ação conjunta e a seguir se preenche, de acordo consigo mesmo, com os acontecimentos e estórias que se desenvolvem em história —, recolhem-se para sua liberdade de pensamento. Evidentemente, esta é uma experiência muito antiga. E um pouco desse recolhimento parece ter sido imposto a Lessing. Quando ouvimos sobre esse recuo da escravização no mundo para a liberdade de pensamento, naturalmente lembramos o modelo estóico, pois foi historicamente o mais efetivo. Mas, para sermos precisos, o estoicismo representa não tanto uma retirada da ação para o pensamento, mas uma fuga do mundo para o eu que, espera-se, será capaz de se manter em soberana independência em relação ao mundo exterior. Nada disso havia no caso de Lessing. Lessing recolheu-se no pensamento, mas de forma alguma em seu próprio eu; e se para ele existia um elo secreto entre ação e pensamento (eu acredito que sim, embora não possa prová-lo por citações), o elo consistia no fato de que tanto a ação como o pensamento ocorrem em forma de movimento e, portanto, a liberdade subjaz a ambos: a liberdade de movimento.

Lessing provavelmente nunca acreditou que o agir pudesse ser substituído pelo pensar, ou que a liberdade de pensamento pudesse ser um substituto para a liberdade inerente à ação. Ele sabia muito bem que vivia no que então era o “país mais despótico da Europa”, embora lhe fosse permitido “oferecer ao público tantas tolices contra a religião” quanto quisesse. Pois era impossível levantar

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

